

## Ser velho

Lídia Marinho Carneiro



Envelhecer é uma arte  
Velho amigo não chore  
Pra que chorar  
Por alguém te chamar de velho  
Não decola, não esquite a cachola

Quando alguém lhe chamar de velho  
Sorria cantando assim:  
Sou velho e sou feliz  
Mas velho é quem me diz

Comigo também acontece  
Gente que nem me conhece  
Gente que nunca me viu  
Quando passa por mim:  
- alô velho! alô tio!

Eu não perco a estribeira  
Levo na brincadeira  
Saber envelhecer é uma arte  
Isso eu sei, modéstia à parte  
Adoniran Barbosa

O título provocativo deste artigo é resultado do impacto causado pelo curso e extensão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulado “Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento”, pois, para mim, antes me era difícil pronunciar a palavra *velho*, sem causar a impressão de significado desqualificador e desrespeitador. A partir dele foi possível repensar valores, que muitas vezes antecedem o contato com as pessoas idosas, possibilitando reconstruir maneiras de relacionamento na prática cotidiana, ampliando o olhar para a velhice e para além de nomeações socialmente impostas.

Entender a velhice como “fenômenos que articulam o indivíduo, linguagem, cultura, sociedade e diversas dimensões do ser humano” (Mercadante e Lodovici, 2011, p.1) torna-se necessário, pois estarmos inseridos em meio cultural que nos leva a ter ideias preconcebidas e atitudes que, por vezes, impedem a escuta e entendimento do outro. Nesse sentido, as relações humanas são essenciais para construções de valores, entendimentos e, no caso de populações específicas possibilitar, por meio da convivência, a

discussão sobre os estigmas que as cercam, abertura para se conhecer o outro em suas singularidades e peculiaridades.

É importante, neste contexto, conceder relevância à voz das pessoas idosas, que tem pouco espaço para serem vistas e ouvidas, estando atentas às suas necessidades nos tempos e espaços sociais. O não reconhecimento de seu lugar social as coloca em lugar de menos valia, sem espaço para valorizar o sentido único, particular, e a dimensão emocional própria. A evolução e as mudanças da realidade social indica que devemos repensar o significado da velhice e lugar do idoso. Afirma Zimmerman (2000, p. 28) que:

Vivemos em uma sociedade em que a expectativa é ser adulta. Quando uma criança ou um adolescente projeta o futuro sempre se vê como um adulto jovem, formado, com alguma profissão, trabalhando e ganhando dinheiro. Não se imagina um velho feliz e até prefere nem pensar na velhice, como se um velho já fosse um semimorto ou alguém com uma doença infecto contagiosa. Para muitas pessoas, quando se fala em velho a imagem que vem à mente é a de um sapato gasto, furado, e que, portanto, já não serve mais para nada.

A perspectiva social frente às questões do envelhecimento indica a importância das redes de apoio nessa etapa de vida e suas potencialidades no enfrentamento de questões da vida cotidianas comuns na velhice.

No mundo capitalista em desenvolvimento, constatamos a valorização da produtividade, agilidade, a rapidez e juventude, contexto no qual se torna fundamental para o velho a busca por um novo papel social, novo sentido de pertencimento, valoração, e prazer diante da vida, amenizando o impacto emocional e abrindo perspectivas para os questionamentos pessoais e coletivos. Segundo Sawaia (1999, p. 74) a “desclassificação social é uma experiência humilhante, ela desestabiliza as relações no seio da comunidade familiar que podem ser afetadas [...]”.

A invisibilidade do envelhecer surge como questão a ser discutida, na busca por modificações dessa situação, favorecendo ambiente acolhedor às diferentes etapas da vida, na qual a fragilidade pode ser vista como uma das condições do ser humano, independente da etapa vivida. Neste sentido Debert (1999, p. 72) destaca:

Entendendo que as idades são formas de classificação e separação dos seres humanos, o argumento central é que a avaliação do caráter das transformações no curso da vida – do caráter ilusório ou realista das promessas libertárias sugeridas – só ganha sentido se a atenção se voltar para o modo como a partir delas a solidariedade entre gerações é redefinida e para as hierarquias sociais que essas transformações põem em ação.

São fatores essenciais para uma sociedade acolhedora, em sua diversidade, a valorização do diálogo e convivência intergeracional. Apoiado nas premissas propostas pela antropologia, psicologia sócio-histórica e políticas públicas, é possível levantar pressupostos que embasem e facilitem a participação social das pessoas idosas para o cotidiano de vivência intergeracional, a partir da qual seja possível conhecer o outro em suas demandas, histórias e singularidades, suas potências e modos de ser no enfrentamento de adversidades e vivências, na perspectiva de conhecer para respeitar o outro em sua diversidade.

Essa perspectiva encontra a base legal nos preceitos jurídicos que embasam formas de proteção às pessoas idosas, como no Art. 230 da Constituição Federal que estabelece que “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo o direito à vida” (Constituição Federal, 1988, Capítulo VII).

As aulas do curso “Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento” proporcionaram contato com o universo do envelhecer do ponto de vista de profissionais que lidam com histórias de vidas, maneiras de se viver e entender o envelhecer.

No contato com profissionais de diferentes áreas, percebemos os reflexos das formações, por vezes marcadas pelo discurso médico, da saúde, bem estar e ser ativo, sendo esses valores precedidos, muitas vezes, pelo contato com a pessoa idosa, pela escuta, valorizando suas singularidades e desejos. Afirma Mercadante (1998, p. 24) que:

Sendo a velhice, portanto um fato biológico, ela é natural e universal; e isto significa que está presente em todas as sociedades humanas. Parece, no entanto que somente este fato natural, biológico é insuficiente para definir a velhice. Uma definição, apoiada somente na biologia, explicaria parcialmente a velhice; não seria capaz de dar uma visão mais ampla dos comportamentos, das atitudes e dos pensamentos dos indivíduos. O envelhecimento humano sempre ocorre em uma determinada sociedade e em um tempo histórico.

O exercício do contato e escuta com o outro, desprovido de ideias, valores e preceitos preconcebidos torna-se uma necessidade na compreensão da diversidade do universo do envelhecer, considerado parte do viver, etapa de vida, que por vezes é vista como descolada de valores e singularidades e colocada em uma única descrição de nomeação: velho.

São necessários mais espaços, como deste curso, que façam os profissionais entrar em contato com os preceitos construídos a partir da formação acadêmica e história de vida, nos fazendo questionar modos de agir e pensar o

envelhecimento, percebendo-o em nós, nas etapas de vida e poder acolher, se necessário, a dor devida, e não criar uma dor a mais na escuta e trabalho desenvolvido.

Lidar com realidades novas é sempre desafiador, e a velhice nos coloca diante de mudanças exigindo nova leitura da realidade. O estímulo à participação em diversos contextos sociais auxilia na construção de novos olhares, o que favorece um lidar diferenciado com o novo que se apresenta nessa fase da vida.

A perspectiva sobre o envelhecer como parte da vida deve ser discutida, com objetivo de pensar estratégias para lidar e cuidar da velhice, considerando também a conjuntura atual do aumento da população idosa em função do prolongamento do tempo de vida. Tanto os familiares quanto as redes de apoio necessitam estar preparadas ao acolhimento das necessidades das pessoas idosas para que haja boa convivência e assim possam melhor compreender a realidade do envelhecimento populacional e o prolongamento do tempo de vida, enfocando o respeito e a acolhida ao ser que envelhece.

## Referências

DEBERT, G.G. Velhice e o curso de vida pós-moderno. *Revista USP*, São Paulo, n.42, p. 70-83, junho/agosto 1999.

MERCADANTE, E. Velhice: Culturas Diversas, Temporalidades Distintas. *Revista A Terceira Idade* nº14, 1998.

MERCADANTE, E; LODOVICI, F. Re-pensar a velhice (editorial). *Revista Kairós Gerontologia*, 14(6). ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil, dezembro 2011: pp. 01-04

SAWAIA, B. (org.). *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 3 a . ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ZIMERMAN, G.. *Velhice – aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artemed, 2000.

*Data de recebimento: 04/07/2015; Data de aceite: 20/10/2015.*

---

**Lídia Marinho Carneiro** - Psicóloga (UP Mackenzie). Experiência na área de Políticas Públicas com ênfase em serviços de base territorial/comunitária, atualmente no Centro de Referência Especializado de Assistência Social de Caraguatatuba. Curso de Extensão “Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento”, da COGEAE- PUC-SP. Email: [lidiamarinho@yahoo.com.br](mailto:lidiamarinho@yahoo.com.br)